

# Leitura

Nº 76 Ano 2023

## Damião Francisco Boucher

É graduado em Letras português/inglês pela Universidade Federal do Tocantins – UFT (2012), especializado em Análise do Discurso Político e Jurídico (2017) e especializado em Psicologia Junguiana, ambas pela Faculdade Unyleya do Rio de Janeiro e mestre pela Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. É parecerista da revista Porto das Letras, Porto Nacional e professor de Língua Portuguesa e Inglesa na Rede Dom Bosco de ensino. Email: boucherplace@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8325-1603>.

## Thiago Barbosa Soares

Possui graduação em Letras, português/inglês, pela Universidade do Vale do Sapucaí (2009), em Psicologia pela Universidade Paulista (2014) e em Filosofia pela Universidade de Franca (2014), especialização em Estudos Literários pela Faculdade Comunitária de Campinas (2013), mestrado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2015) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2018). É colíder do Núcleo de Estudos da Linguagem (NEL-UFT) e membro pesquisador do Grupo de Estudos em Análise do discurso e História das ideias linguísticas (VOX-UFSCar). É editor-chefe da revista Porto das Letras (ISSN - 2448-0819) vinculada ao programa de pós-graduação em Letras da UFT. Atua como professor nos cursos de graduação em Letras e de pós-graduação stricto sensu em Letras da Universidade Federal do Tocantins no campus de Porto Nacional. Coordenou o Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Letras (PPGLEtras) da Universidade Federal do Tocantins (UFT) de janeiro de 2022 a janeiro de 2023. É bolsista de produtividade do CNPq (PQ-2). Email: [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>.

Recebido em:  
28/10/2022

Aceito em:  
02/03/2023

MAI / JUL 2023  
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)  
ISSN 0103-6858  
P. 126-141

# Discursos de ódio: sucesso e apagamento do sujeito nordestino na manutenção das relações de poder

Hate discourse: success and erasure of the northeastern subject in the maintenance of power relations

## Damião Francisco Boucher

Universidade Federal do Tocantins

## Thiago Barbosa Soares

Universidade do Vale do Sapucaí

## RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar uma das várias redes de dizeres sobre o Nordeste e o sujeito nordestino. Observamos como este é interpelado em sujeito inútil, parasitário e como seu espaço geográfico é discursivizado como sendo um lugar social e culturalmente inócuo. Verificamos seus possíveis efeitos e suas prováveis contribuições para a construção das formações imaginárias sobre o nordestino através do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, sobretudo pelas noções de sucesso e de silêncio constitutivo. Utilizamos como corpus os dizeres de Raiam Santos, influenciador e proprietário do Canal no *YouTube*, “Raiam Santos”, profiridos em 11 de novembro de 2020, de um internauta anônimo apresentado pelo site *Yahoo* em 2018 e de Flávia Aparecida Moraes, enunciados em 5 de outubro de 2022, originalmente postados em um vídeo em seu *Instagram* e posteriormente difundidos por diversas plataformas do *YouTube*. Por fim, sopesamos nosso percurso analítico e constatamos que, pelo silenciamento constitutivo e pelo discurso do sucesso, tais dizeres projetam o Nordeste e o sujeito nordestino como o lugar da falta e como o sujeito parasitário respectivamente.

## PALAVRAS-CHAVE

Discurso de ódio; Nordeste; Silenciamento; Sucesso; Resistência.

## ABSTRACT

We analyze in this article one of the several networks of sayings about the Northeast and the northeast subject. We observe how this is identified in a useless, parasitic subject and how its geographic space is represented as being a socially and culturally innocuous place. We verified its possible effects and its probable contributions to the construction of imaginary formations about the Northeast through the theoretical-methodological fra-

mework of Discourse Analysis, especially through the notions of success and constitutive silence. We used as corpus the sayings of Raíam Santos, influencer and owner of the YouTube Channel, Raíam Santos, uttered on November 11, 2020, an anonymous internet user presented by the Yahoo website in 2018 and Flávia Aparecida Moraes, uttered on October 5, 2020. 2022, originally posted in a video on his Instagram and later spread across various YouTube platforms. Finally, we weigh up our analytical path and find that, through the constitutive silencing and the discourse of success, such sayings project the Northeast and the northeastern subject as the place of lack and as the parasitic subject respectively.

## KEYWORDS

Hate discourse; Northeast; silencing; Success; Resistance.

## 1. Considerações iniciais

O discurso de ódio perpassa a história humana e se projeta nas relações sociais na qual, de um lado, o poder, a dominação e, do outro lado, a resistência sustentam mutuamente sua continuidade pela via da argumentação de que a liberdade de expressão e a livre exposição de ideia não podem ser cerceadas (CINTRA, 2012).

Ademais, essa liberdade de expressão permite a profusão de pensamentos, de reações e de imposições as quais estabelecem relações hierárquicas e configuram a sociedade através daquilo que tais lentes ideológicas, ou melhor, tal regime de verdade projeta, sendo este “a condição de formação e de desenvolvimento do capitalismo” (VEYNE, 2008, p. 33).

Por essa razão, podemos afirmar que todas as redes de dizeres que colocam em jogo o simbólico e o político (ORLANDI, 2015); que remete suas interlocuções a um arranjo de posições e de papéis sociais provêm do mesmo espaço ideológico, da mesma força discursiva que determina os dizeres (PÊCHEUX, 1997), a saber, a luta de classes.

Diante desse contexto, propomos analisar uma das várias redes de dizeres sobre o Nordeste e o sujeito nordestino. Procuramos fazer um percurso analítico suficientemente capaz de abranger tanto as condições de emergência quanto a variação dessas redes de dizeres, ou seja, desses discursos no espaço/tempo. Cabe ressaltar que o discurso “não se trata necessariamente de uma transmissão de informação entre A e B mas, de modo mais geral, de um ‘efeito de sentidos’ entre os pontos A e B” (PÊCHEUX, 1997, p. 82, grifo do autor).

Portanto pensamos como objeto de análise uma composição discursiva com interstício de dois anos (2018, 2020 e 2022) para fazer a descrição e interpretação desses efeitos de sentidos. Os corpora de natureza heterogênea (COURTINE, 2014) constituem-se de sequências discursivas audiovisuais e escritas de dimensão superior à frase, extraído do campo midiático. No momento da seleção dos corpora, assim como Courtine (2014), procuramos não deixar nenhum fato discursivo que incomodasse o rigor teórico, já que o acontecimento a ser analisado, a saber, os dizeres sobre o sujeito nordestino, não é singular, ou seja, é historicamente recorrente e que configura

em uma unidade heterogênea, dividida em relação a ela mesma (COURTINE, 2014)

Dessa forma, propomos observar inicialmente na composição discursiva de Raiam Santos, em 2020, como o sujeito nordestino é interpelado (ALTHUSSER, 1992) em sujeito inútil, parasitário e como seu espaço geográfico (o Nordeste) é discursivizado como sendo um lugar social e culturalmente inócuo.

Perscrutando inicialmente os efeitos explícitos desses dizeres (ORLANDI, 2015), através de princípios e procedimentos do arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, verificaremos seus possíveis efeitos e suas prováveis contribuições para a construção das Formações Imaginárias sobre o Nordeste e conseqüentemente sobre o sujeito nordestino.

Utilizamos como corpus de análise, os discursos engendrados nos dizeres de um internauta anônimo apresentado pelo site *Yahoo* em 2018, nos enunciados de Raiam Santos, influenciador e proprietário do Canal no *YouTube*, Raiam Santos, postados em 11 de novembro de 2020 e de Flávia Aparecida Moraes, publicados em 5 de outubro de 2022, originalmente postados em um vídeo em seu *Instagram* e posteriormente difundidos por diversas plataformas de vídeo, de textos e de áudios.

Diante desse corpus heterogêneo (COURTINE, 2014), optamos por mesclar a explanação e o aprofundamento dos conceitos e de noções-chaves com as descrições e interpretações a fim de contemplar o funcionamento discursivo dos enunciados, bem como dar mais aprofundamento e foco nas análises, sem perder o rigor teórico.

Ressaltamos também que a configuração de aparição do arcabouço teórico-metodológico respeita a lógica analítica, isto é, parte das estruturas enunciativas, buscando contemplar a análise a partir de um contexto imediato para vislumbrar posteriormente o contexto sócio-histórico e certas regiões constitutivas de dizeres, uma vez que a teoria pecheuxtiana aponta a relevância da língua, do sujeito e da história para a compreensão dos discursos circulantes em sociedade (SOARES, 2018b).

Dessa maneira, a análise está organizada de modo a permitir a compreensão das noções, dos mecanismos, dos princípios, dos procedimentos e dos funcionamentos discursivos, ao mesmo tempo em que o batimento descritivo e interpretativo perfaz seu percurso. Para uma maior didatização, primeiramente observaremos o funcionamento dos pré-construídos na construção metafórica do nordestino, de sua região, da projeção de representação identitária, bem como no apagamento de aspectos regionais e subjetivos.

Juntamente com os pré-construídos, compreenderemos a interligação enunciativa com a historicidade (interdiscurso) e com a atualização de sentidos no campo da formulação enunciativa (intradiscurso). De mãos dessas duas noções, demonstraremos como as estruturas enunciativas objetificam o sujeito nordestino exatamente pela racionalização da estrutura sintática dos pré-construídos “serve para que”, nos enunciados de Raiam Santos.

Diante da análise da enunciação do outro (a palavra do outro), e de outras enunciações (outras palavras) (AUTHIR-REVUZ, 2004), na dinâmica interdiscursiva e intradiscursiva apresentada, explicitaremos o funcionamento dos processos parafrásticos e polissêmicos funcionando na estabili-

zação e no deslocamento de sentidos dos dizeres sobre o Nordeste.

Na ocasião, também analisaremos a construção das Formações Ideológicas dos sujeitos, a materialização dessa pela Formações Discursivas e a contribuição de ambas para observarmos as relações de sentidos existentes entre discursos e entre as relações de força que nos permitirão compreender as projeções discursivas dos enunciadores. Subsequente a esse conjunto de aparatos que constituem a dinâmica discursiva, ao observarmos as relações de poder, sua manutenção, bem como a tentativa de apagamento da Formação Ideológica por parte do enunciador, nos ocuparemos com o funcionamento da memória e de seu caráter restituidor de sentidos pre-existentes (ACHARD, 2015).

Por fim, analisando o contexto sócio-histórico mais amplo e fazendo constantes retornos ao contexto de enunciação (ORLANDI, 2015), observaremos o funcionamento dos efeitos de sucesso (SOARES, 2018a), da diametralidade oposta (SOARES, 2021), assim como os efeitos do silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007) na sustentação das relações de poder, na manutenção do discurso de ódio e, conseqüentemente, no apagamento dos valores culturais, artísticos, econômicos, literários etc., do Nordeste.

Após esse percurso analítico, nas considerações finais, sopesaremos nosso batimento descritivo e interpretativo e refletiremos acerca do entrecruzamento do silenciamento constitutivo (ORLANDI, 2007) e do discurso do sucesso (SOARES, 2018a), como catalisadores das projeções nas quais o Nordeste e o sujeito nordestino são representados como o lugar da falta e como o sujeito parasitário respectivamente.

## 2. Considerações analíticas

No dia 11 de novembro de 2020 o escritor e influenciador Raiam Santos usou a função *stories* da sua rede social para promover um suposto debate acerca da “utilidade do Nordeste”, postando a seguinte pergunta: “Pra que serve o Nordeste?”. Diante disso, surgem diversas respostas, as quais Raiam Santos replica:

“Mão de obra barata e praia bonita”; “alguém tem que ser porteiro e garçom no sudeste”; “serve para fuder o país nas eleições”; “para pegar bolsa família”; **“Agora nada, quando legalizar a maconha vai servir pra planta”**: — “não serve pra plantar maconha no Nordeste porque lá não tem água” (reformulação de Riam), “o Nordeste é a cruz que o Brasil carrega” (LEIA JÁ, 2022).

Inicialmente, podemos afirmar que tais respostas supracitadas não estão estanques no espaço/tempo, nem seus sentidos se encontram rígidos e administrados unicamente por um sistema linguístico que também não é totalmente autônomo. Por entre essas construções sintático-semânticas relativamente autônomas, há reverberações históricas, constituídas por memórias, por já-ditos que ao serem acionados em condições específicas de produção, trazem do campo da constituição, isto é, do interdiscurso os sentidos marcadamente históricos para o campo da formulação, a saber, o intradiscurso que sustenta esse efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 1997)

Por essa razão, as estruturas enunciativas acima observadas são compostas também por uma linha contínua de acontecimentos verossímeis (ACHARD, 2015) e interconectados ao longo de nossa história e que faz com que sentidos anteriores emergjam no campo da formulação atual sob a forma de pré-construídos. Sobre essa configuração e funcionamento do pré-construído, assim como do interdiscurso, o polo constituidor de sentidos e do intradiscurso, o polo subjetivo da atualização desses sentidos, podemos afirmar que ambas as extremidades inter e intradiscursivas sustentam o pré-construído o qual designa:

Uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação. Ele marca a existência de um descompasso entre o interdiscurso como lugar de construção do pré-construído e o intradiscurso como o lugar da enunciação de um sujeito (COURTINE, 2014, p. 74).

Essa noção nos ajuda não só a compreender a continuidade dos sentidos marcada pela interdiscursividade, isto é, a atividade enunciativa no contínuo da história, mas também depreender as rupturas semânticas, emergindo no campo da formulação (campo intradiscursivo) como um efeito discursivo ligado à estrutura sintática.

Ao analisar a construção semântica enunciada por Raiam Santos aos seus seguidores, sob a perspectiva do pré-construído (HENRY, 1990) “Pra que serve”, percebemos os efeitos da objetificação do Nordeste e consequentemente do sujeito nordestino através de efeitos metafóricos, “expressão por meio da qual Pêcheux define as paráfrases no interior do mesmo texto” (SOARES, 2018b, p. 117). Tal estrutura emerge do campo interdiscursivo (COURTINE, 2014) e põe em funcionamento as memórias de um questionamento consagrado no campo metafórico, o qual reflete “a dúvida da funcionalidade”:

“Muita gente usa, mas pouca gente sabe *pra que serve*.”<sup>1</sup>

“Prednisona: o que é, *para que serve* e como funciona esse corticoide<sup>2</sup>

“PIB: o que é e *para que serve*?”<sup>3</sup>

Nós três pré-construídos acima, temos os mesmos efeitos de objetificação reverberando; seja por suas construções sintáticas, que estabelecem nos três enunciados o efeito de intransitividade do verbo “servir” (mesmo sendo transitivo), categorizando, com esse efeito, o sintagma “para que” em um adjunto adverbial cujo efeito de finalidade reforça a objetificação do sujeito oracional; seja pelo papel das memórias as quais determinam, no campo sócio histórico (PÊCHEUX, 1997), a consciência da finalidade por parte dos sujeitos que os enunciam.

Dessa perspectiva, compreendemos que essa objetificação parte da

---

1 Título de uma explicação sobre a *hashtags*. Disponível em <https://paracatu.net/view/4389-muita-gente-usa-mas-pouca-gente-sabe-pra-que-serve>. Acesso em 25/10/2022.

2 Título de uma matéria da revista Veja. Disponível em <https://saude.abril.com.br/medicina/prednisona/>. Acesso em 25/10/2022.

3 Título da matéria da revista eletrônica Exame sobre o PIB. Disponível em: <https://exame.com/invest/guia/pib-o-que-e-e-para-que-serve/>. Acesso em 25/10/2022.

ação enunciativa, mas também é atravessada pela historicidade (ORLANDI, 2015). De outro modo, a relação de propósito entre sujeito, ação e finalidade (isso serve *para aquilo*, Prednisona serve *para a cura*, O PIB serve *para acompanhar a atividade econômica de um país ao longo do tempo*) e a relação semântica constituída no campo interdiscursivo (COURTINE, 2014) interpelam o indivíduo em um sujeito-objeto, assujeitado aos efeitos da língua e da história (PÊCHEUX, 2015).

Dessas considerações sobre os pré-construídos e seus efeitos, é que podemos compreender como funcionam os efeitos de afirmação na suposta pergunta de Raíam Santos. “Pra que serve o Nordeste?”. Ora, essa compreensão trazida por Henry (1990) e retomada por seus contemporâneos nos faz depreender como os pré-construídos funcionam dentro de dada Formação Discursiva (doravante FD); como esta FD delimita, determina o que cada um sabe, vê, compreende ou conhece. Por conseguinte, determina ainda o que pode ou não ser dito, porquanto traz em sua emergência sentidos preexistentes que se amarram em um campo heterogêneo, um lugar de dizeres preconcebidos e preestabelecidos.

Sobre este campo de interseções ideológicas que determina o lugar de fala, Authier-Revuz (2004) destaca que:

A questão do lugar dado ao outro no discurso deve ser entendida como a das formas sob as quais um discurso designa, na linearidade de sua cadeia, pontos de heterogeneidade, em que dá lugar, ao mesmo tempo que a circunscreve, à presença do outro. Esse outro deve ser visto em dois níveis: o das palavras dos outros, [...]; e o das outras palavras, dos “outros sentidos”, os da polissemia, do equívoco, do avesso do discurso, brincando sob as palavras de um discurso e de que este pode, localmente, assinalar a presença — aspas sobre coisas imprecisas, jogos de palavras, metáforas... [...] (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 246-247, grifo da autora)

E são esses sentidos preexistentes, a formação social de Raíam Santos, imbuídos, mesclados aos jogos polissêmicos, aos jogos de equívoco que direcionam o enunciador para a posição de um sujeito do saber-dizer e do poder-dizer, daquele que compreende sua posição de prestígio (SOARES, 2018). Considerando as noções de Authier-Revuz (2004), há nos dizeres de Raíam Santos a presença não só do outro, ou seja, a presença daqueles que coadunam com seus dizeres, mas também as outras palavras; seus próprios dizeres que, juntos, têm outros sentidos; juntos põem em manutenção as imagens que resultam de projeções.

Denominadas de “Formações Imaginárias” (doravante FImS) (PÊCHEUX, 1997, p. 238), estas projeções permitem a realidade ser representada; e são através das Formações Ideológicas (doravante FIDs) circulantes em sociedade, ou seja, pelo conjunto de ideias caracterizadoras de “certa formação social cujas práticas e relações concretas atravessam a vida em sociedade” (PÊCHEUX, 1997, p. 166-167), que as FImS se sustentam e se retroalimentam.

De outro modo, as FImS distinguem o lugar empírico do sujeito nordestino (o indivíduo comum) de sua posição discursiva (como sujeito inútil), assim como a do enunciador, de Raíam Santos (o indivíduo comum) em sua posição discursiva (interpelado em indivíduo em sujeito de prestígio). Portanto, essas imagens constituídas por já-ditos nas bases do dizível (OR-

LANDI, 2015) atualizam dizeres pelos movimentos de retorno aos mesmos sentidos e de deslizamento desses, dinâmicas as quais Orlandi (2015) compreende como sendo naturais da língua.

Segundo a autora, “a paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco” (ORLANDI, 2015, p. 34). Por essa razão, afirmamos que os dizeres de Raiam Santos estabilizam, pela instância do pré-construído e pelo movimento inter e intradiscursivo, os sentidos que se mantêm intactos na memória sobre o sujeito nordestino e sua região.

Em contrapartida, pelo processamento polissêmico, seus dizeres também podem ser outros. Esse jogo de equívoco é estabelecido a partir do verbo “replicar” (imitar seus seguidores), o qual permite que o enunciador Raiam Santos se distancie, pelo menos em parte, daquilo que se diz sobre o Nordeste. Embora esse distanciamento represente uma tentativa de apagamento de sua formação social, podemos rastreá-la por aquilo que se diz na atualidade e por aquilo que as memórias restituem, a saber, os “julgamentos de verossimilhança” (ACHARD, 2015, p. 17), isto é, a conexão de FIDs, a harmonia semântica entre fatos e ideias que podem ser observadas trabalhando em outras regiões de sentidos.

Esses sentidos que dão sustentáculos às FImS (PÊCHEUX, 1997) sobre o Nordeste, os quais mencionamos logo acima, carregam não somente a rejeição histórica sobre o sujeito nordestino, mas também o asco atualizado, proveniente das tomadas de decisões políticas dessa região. Por isso, ele pode formular, em determinadas condições de produção, a ideia de que “o Nordeste ou o nordestino não servem para nada” ou se são úteis, “não passam de ferramentas” para a conquista dos interesses particulares de uma classe que se encontra na superestrutura social pela manutenção das FIDs (PÊCHEUX, 1997).

Dessa perspectiva, o entrelaçamento de sentidos emergindo nos dizeres subsequentes cria o efeito de objetificação do sujeito nordestino, como observado na leitura do corpus acima. Tal conjunto semântico se constrói a partir da manutenção das relações de força (ORLANDI, 2015) estabelecidas pelos enunciados “mão de obra barata e praia bonita” e “alguém tem que ser porteiro e garçom no Sudeste”; que fazem reverberar, em um contexto mais distante, as memórias do êxodo nordestino para as capitais do Sudeste brasileiro em busca de melhores condições.

Ainda pelo conjunto semântico constituinte do efeito de objetificação, os enunciados “serve para fuder o país nas eleições” e “para pegar bolsa família”; além de projetarem metaforicamente o Nordeste como “destruidor de expectativas” e como “sujeito parasitário” que vive de programa social (Bolsa Família), marcam também o posicionamento do enunciador que está alinhado à extrema direita no Brasil. Isso é possível saber pela noção de FD a qual mencionamos no início dessa análise.

Ao nos debruçarmos sobre o funcionamento das FDs, compreendemos que todos são assujeitados a ela (PÊCHEUX, 1997), porquanto são as formações discursivas que determinam o que deve, como deve e em que condições específicas deve ser dito, respeitando uma ordem cerimonial do discurso. Ora, a FD de Raiam Santos representa um conjunto de “injunções ideológicas” (ORLANDI, 2015, p. 51), as quais determinam, a partir de um

contexto sócio-histórico, o dizer desse indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia.

Sobre esse processo de interpelação, podemos afirmar que essa dinâmica discursiva “supõe a ‘existência’ de um Outro Sujeito” (ALTHUSSER, 1992, p. 108, grifo do autor). De outro modo, deve haver um processo de alteridade, de interlocução para que através do Outro o eu (indivíduo) se reconheça (ou não) como sujeito interpelado. Por essa razão, quando Raiam Santos se interpela (ou é interpelado) em sujeito do saber, este passa a significar em condições determinadas, “impelido, de um lado pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos, *ou melhor, acontecimentos que reclamam sentidos*” (ORLANDI, 2015, p. 50-51, itálico nosso). Acontecimentos que se materializam sobre a forma de pré-construídos na base do dizível, capazes de catalisar e de irromper as memórias do ódio contra o Nordeste e pôem em manutenção “os discursos totalitários de controle social por meio do capital” (SOARES, 2018b, p.120).

No contexto imediato, na circunstância dessa enunciação, ou como quer Orlandi (2015, p. 28), nas “condições de produção em sentido estrito”, há uma relação de sentido. Segundo esta noção, “não há discurso que não se relacione com outros” (ORLANDI, 2015, p. 37), porquanto este aponta para aquele que o sustenta. Por essa razão, o discurso de ódio empreendido por Raiam Santos aponta para dizeres tardios que emergem em 2018, logo após Fernando Haddad, candidato do PT, registrar 69,7% dos votos válidos do Nordeste, quantidade superior aos 30,3% dos votos válidos de Jair Bolsonaro do PSL, nessa mesma região (TSE, 2018). Este acontecimento se amplificou e fez expandir o discurso de ódio — já existente — contra o sujeito nordestino.

Nesse contexto de proliferação de ódio, surgem enunciados com o mesmo teor semântico dos que já foram analisados acima, tal como a enunciação feita no *Twitter* por um internauta que não teve a identidade divulgada: “Se o nordestino tivesse a cabeça redonda pensaria melhor” (YAHOO, 2018). Por esse motivo, podemos afirmar que esses discursos de ódio são vistos como um estado de processo discursivo mais amplo e contínuo. De outro modo, não é possível determinar em que ponto começa ou termina esse tipo de discurso. Ou seja, as redes de dizeres nas quais Raiam Santos e outros se filiam se põem em manutenção pela relação com “outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2015, p. 37).

Como já dito, embora não seja possível determinar quando inicia esse discurso de ódio contra o sujeito nordestino, é possível, dentre outras ações, rastrear as motivações desse enunciado, bem como a posição que este enunciador ocupa justamente por uma gama de processos que ocorrem ao mesmo tempo, mas principalmente pelas relações de sentidos existentes no interior da organização social (PÊCHEUX, 1997). Segundo BOUCHER e SOARES:

Nesse processo de enunciação é posto em funcionamento: processamentos metafóricos, parafrásticos, polissêmicos e mecanismos de antecipação, em que imagens são construídas em um complexo entrecruzamento de projeções delimitadas por certas relações de força (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 15).

Nesse sentido, tanto o contexto imediato quanto a posição-sujeito

apontam, pelo menos em parte, para o fato de que os dizeres não poderiam ser outros e estes impelem e determinam Raiam Santos a tomar posição como o sujeito detentor de certo controle na relação interpessoal; como aquele que, pelas relações de força, estabelece os caminhos para uma vida de prestígio. E tanto pelas relações de força quanto pelas relações de sentido, o sucesso se desponta como catalisador e mantenedor das FImS as quais projetam as posições sociais, regulam o mando e a obediência, controlam a escuta e a tomada de fala.

Assim, a força do sucesso se constitui na configuração atual de dizeres como sendo um bem transferível e comercializável o qual exerce “influência nas relações financeira e afetiva dos sujeitos envolvidos e põe em prestígio esses sujeitos cujos atributos são exaltados pelo foco midiático” (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 15). Logo, o sujeito que se filia ao discurso do sucesso, que neste caso é Raiam Santos, ao enunciar, cria o efeito de “pseudo-autointerpeção”, isto é, como se fosse o próprio interpelador de si e de sua posição de prestígio, uma vez que em um contexto mais distante, precisamente em 2018, tais dizeres renderam uma grande quantidade de seguidores àqueles que se filiaram a esse regime de verdade (VEYNE, 2008). Ora, se compreendermos que o processo de interpelação é constitutivamente da ordem da exterioridade e da alteridade (ALTHUSSER, 1992), observamos que essa pseudo-autointerpeção surge do contato com seus seguidores e da publicidade que é dada a Raiam, sendo seus dizeres, na verdade, uma replicação (repetição e ao mesmo tempo resposta) à projeção discursiva daquilo que se diz sobre ele.

Dessa perspectiva, no processamento metafórico que ele projeta em seu discurso, faz reverberar o efeito parafrástico de — o portador da reflexão cuja mensagem permitirá aos brasileiros compreenderem a verdadeira utilidade do sujeito nordestino —. De outro modo, há nesse efeito parafrástico a objetificação do nordestino dentro de uma lógica do capital. O sujeito nordestino é interpelado em “sujeito útil”, isto é, serve para alguma coisa, mas na lógica capitalista está fadado as coisas de menor valor social. Esses efeitos parafrásticos incrustados na história são atualizados pelos dizeres “servir como mão de obra barata”, “alguém tem que ser porteiro e garçom do Sudeste, etc.”.

Dessa maneira, as projeções discursivas que Raiam Santos se filia não só constituem a imagem do sujeito nordestino como o objeto da utilidade de menor valor para o Brasil (sob a lógica do processo capitalista que condiciona, determina e promove a manutenção dos valores sociais), mas também compõem a própria imagem de Raiam Santos, a saber, um sujeito de sucesso (SOARES, 2018a) que viaja o mundo; um “Nômade Digital” (como ele mesmo se apresenta em seus vídeos, fazendo trabalhar o efeito da pseudo-autointerpeção), que vive de mercado financeiro e que, em seu jogo de antecipações, mesmo não morando no Brasil, não pagando impostos ou contribuindo de qualquer maneira com sua pátria-mãe, promove a reflexão de quem realmente contribui com o país.

Com isso, o enunciador se transforma metaforicamente “no salvador da pátria”, porquanto, ao enunciar que o Nordeste “é a cruz que o Brasil carrega”, instaura-se a relação de força, ou seja, “o lugar a partir do qual fala o sujeito” (ORLANDI, 2015, p. 37). Esta posição discursiva faz com que

Raiam Santos se desponte na condição de brasileiros que contribuem com o país e, por conseguinte, ao se projetar como os cidadãos que contribuem (causando um efeito restritivo), posiciona o nordestino no lugar do fardo, entrecruzando o religioso com o político ao se utilizar do pré-construído (HENRY, 1990) “carregar a cruz”. Com essa metáfora, o enunciador faz trabalhar em silêncio (ORLANDI, 2007) a ideia central de que “a eleição de Jair Messias Bolsonaro poderia ter sido mais fácil em 2018 e que, mesmo com o peso, o fardo que o Nordeste representa, ‘o Brasil’ (mais especificamente eleitores alinhados aos ideais bolsonaristas) conseguiu “vencer o calvário”, ou melhor, o pleito presidencial.

Outro ponto relevante a ser ressaltado é que esta mesma metáfora do “salvador da pátria” é discursivizada recursivamente em vários outros enunciados que “pipocam”, ou melhor, se multiplicam nas redes sociais; uns com expressões de ódio mais explícitas, outros com expressões de cólera mais veladas. Como supracitado, após o primeiro turno das eleições, Jair Bolsonaro perdeu no Nordeste e diante de tantos outros discursos de ódios proferidos por seus eleitores, em 5 de outubro de 2022, Flávia Aparecida Morais foi até seu Instagram e proferiu os seguintes dizeres:

A todos aqueles brasileiros que a partir de hoje têm que ser muito inteligente. Nós geramos empregos, nós pagamos impostos e sabe o que que a gente faz? A gente gasta o nosso dinheiro lá no Nordeste. Não vamos fazer isso mais. Vamos gastar dinheiro com quem realmente precisa, com quem realmente merece. A gente não vai mais alimentar quem vive de migalhas. Vamos gastar o nosso dinheiro aqui no Sudeste, ou no Sul ou fora do país, inclusive porque fica muito mais barato. Um brinde a gente que deixa de ser palhaço a partir de hoje (LIVE NEWS, 2022).

Após observar as estruturas que compõem os dizeres de Flávia Aparecida Morais, percebemos em “A todos aqueles brasileiros que a partir de hoje têm que ser muito inteligente” os efeitos de vitimismo trabalhando do sintagma verbal “ter de ser muito inteligente”. A enunciadora Flávia Aparecida Morais, no jogo de antecipação (PÊCHEUX, 1997), posiciona-se como um sujeito que precisa se defender daqueles que o enganam.

Com isso, na projeção metafórica “da troca malsucedida” na qual os brasileiros saíram perdendo por “não serem “muito inteligentes” (ou confiantes demais no Nordeste), Flávia Aparecida Morais se vê como a negociante que foi enganada e, no outro polo dessa troca, temos o Nordeste (o sujeito nordestino); como a representação da “Esquerda enganadora; aquela que só recebe e pouco ou nada retribui, atualizando os dizeres do discurso antissocialista que vê na Esquerda a representação do fracasso e da pobreza de capital (“A gente gasta o nosso dinheiro lá no Nordeste”); a região que não merece as benesses que o Sul ou o Sudeste proporcionam.

Na formulação de sua sequência discursiva, a enunciadora Flávia Aparecida Morais entrecruza a projeção metafórica da “troca malsucedida” com o discurso do sucesso (SOARES, 2018a), que sustenta a relação de força (ORLANDI, 2015) e estabelece a hierarquia historicamente projetada (PÊCHEUX, 1997) entre o Sul, Sudeste e Nordeste. Ao enunciar “A gente não vai mais alimentar quem vive de migalhas. Vamos gastar o nosso dinheiro aqui no Sudeste, ou no Sul ou fora do país, inclusive porque fica muito mais

barato”, Flávia Aparecida Morais se posiciona como sujeito de prestígio e se vê investida do discurso da riqueza que “lhe confere uma autoridade quase absoluta” (SOARES, 2018a, p. 170), para oferecer fartura a quem vive de migalhas.

Sob essa mesma perspectiva enunciativa, se ampliássemos mais ainda a análise desses dizeres de Flávia Aparecida Morais a uma diametralidade discursiva do enunciado oposto (SOARES, 2021) “A gente gasta o nosso dinheiro lá no Nordeste” vs. A gente *não* gasta o nosso dinheiro lá no Nordeste, poderíamos observar não somente a relação de vínculo enunciativo entre os dois eixos, mas conseguiríamos “averiguar sentidos e sujeitos presentes ou apagados na tensão entre positividade e negatividade no interior do discurso do sucesso (SOARES, 2021, p. 106). Ora, em sua diametralidade oposta, nem Flávia, nem suas amigas (representadas pelo sujeito sintático a gente, ou seja, nós) poderiam gastar seu dinheiro no Nordeste, pois sem o capital e sem a investidura modal de um poder-comprar, os sujeitos se posicionam no lugar daqueles que não vão ao Nordeste “gastar dinheiro”.

Ademais, Flávia Aparecida e suas amigas são advogadas da OAB e influenciadoras em suas redes sociais, mas o que é colocado em relevo em seus dizeres é o poder de gastar e de contribuir com o Nordeste. Assim, “pela ideologia do ‘sucesso’, o que o sujeito médio pretende atualmente é o lugar de evidência máximo” (SOARES, 2021, p. 107). Nesse entrecruzamento dos sucessos financeiro e midiático, ambos os discursos, o do sucesso e o da riqueza, permitem a composição de aspectos relevantes na dinâmica social. Estes demarcam as fronteiras da superestrutura e da infraestrutura, promovendo simbolicamente a posição de prestígio, ou seja, o sucesso propriamente dito da enunciadora, como sendo um produto “de desejo” (SOARES, 2018a), para aqueles que, na diametralidade oposta, perseguem esse produto escasso.

Nesse diapasão, se por um lado vemos a projeção do Nordeste como a região inútil, assim como vemos a representação da falta e o apagamento de valores culturais de outras regiões, como o Norte (BOUCHER; SOARES, 2022), por outro lado, observamos que essas redes de dizeres sustentadas e retroalimentadas pelos discursos do sucesso e da riqueza sempre refletem e refratam os jogos de poder da sociedade.

Essas redes discursivas que inferiorizam, descontrolam e apagam o lugar empírico com suas projeções, também direcionam a posição de mando para aqueles que são investidos dos atributos discursivos do sucesso (SOARES, 2018a), tais como os valores modais de poder “gerar empregos” (relação patronado/empregado), poder “gastar dinheiro” (relação esbanjador/beneficiário) e poder “alimentar a quem vive de migalhas” (relação doador/necessitado).

Finalmente, na tessitura do enunciado “Um brinde a gente que deixa de ser palhaço a partir de hoje”, observamos, mais uma vez, o retorno dos efeitos de vitimismo ao selecionar nessa estrutura enunciativa os elementos linguísticos “a gente” e “palhaços”. Na relação entre o sintagma “a gente”, o sintagma “palhaço”, as relações de força (ORLANDI, 2015), temporariamente invertidas na projeção da enunciadora pela astúcia do Nordeste, ou melhor da Esquerda manipuladora que toma a posição de sujeito enganador, agora se estabilizam, voltando para a sua posição histórica e aparen-

temente natural.

Embora essa aparente naturalidade hierárquica entre o Sudeste como a região de mando e de prestígio e o Nordeste como a região da obediência e do desprestígio tome força nas eleições de 2022, há um fortalecimento do capital nordestino que o coloca industrialmente na frente das demais regiões, perdendo apenas para o Sul e Sudeste. De acordo com Júlio César Lázaro da Silva:

[...]chama atenção as migrações de retorno, principalmente de nordestinos, aos estados de origem, seja pelo estado de degradação social encontrada nas áreas onde residem ou pelo surto de crescimento econômico que está ocorrendo em algumas localidades nordestinas. [...] Diversas obras estruturais (algumas delas relacionadas à Copa do Mundo em 2014, geração de energia, Transposição do São Francisco), descoberta de minérios e a chegada de indústrias de diferentes setores contribuem para esse fenômeno (SILVA, 2022, p. 3-4).

Ao cruzar os dados estatísticos acima sobre o desenvolvimento do Nordeste e os sentidos circulantes nas redes de dizeres sobre essa mesma região, observamos quais são os efeitos de sentidos postos em funcionamento e como esses discursos são ainda responsáveis pelo “complexo entrecruzamento de projeções” (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 15). Estas projeções e aqueles efeitos de sentidos colocam o Nordeste como região inócua e o sujeito nordestino como um inútil, apagando, ou melhor, silenciando constitutivamente (ORLANDI, 2007) aquilo que o Nordeste e o sujeito nordestino já ofereceu, oferece e pode oferecer para o progresso do país.

Por esse percurso discursivo entre o já-dito em 2018, os dizeres de Raíam Santos em 2020 e posteriormente os enunciados de Flávia Aparecida Moraes, podemos compreender a mesma reverberação tácita dessa rede de dizeres sobre o Nordeste, pelas vias do funcionamento do silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007), que apaga outros sentidos (ou acontecimentos) possíveis. Sobre esse apagamento simbólico, Orlandi afirma que: “por aí se apagam os sentidos que se quer evitar, sentidos que poderiam instalar o trabalho significativo de uma ‘outra’ formação discursiva, uma ‘outra’ região de sentidos” (ORLANDI, 2007, p. 73, grifo da autora).

Desse modo, considerando as noções do silêncio constitutivo supracitadas, sopesando o papel das memórias, bem como o funcionamento das relações de força e de sentido, observamos que as projeções discursivas de Raíam Santos, as do internauta anônimo, e as de Flávia Aparecida Moraes trabalham em outras regiões de sentido (ORLANDI, 2007) e apagam o fato de que o Nordeste tem sido parte integrante no desenvolvimento da indústria brasileira e que, dentre tantos outros acontecimentos que poderiam ser trazidos à baila como exemplo de região profícua, temos apenas os sentidos trabalhando na região da falta a qual objetifica o sujeito nordestino e projeta a região desse sujeito como “um fardo, ou melhor, a cruz a ser carregada”, como “um lugar que não serve para nada”.

### 3. Considerações finais

Diante desse percurso analítico, foi possível a observação da evolução das redes de dizeres sobre o Nordeste e sobre o sujeito nordestino como uma

teia histórica contínua que se tensiona e que se retrai. Essa dinâmica discursiva remonta o processo de industrialização no Sudeste e no Sul o qual “provocou, no início da década de 1950, a migração intensiva de população nordestina em busca de trabalho na indústria e no comércio nas cidades que começavam a prosperar” (SILVA, 2022, p. 3).

Consequentemente, assim como tantos outros encontros históricos entre classe operária e classe aristocrática, a relação entre o Sudeste e o Nordeste representou o palco da luta de classes e permitiu que esses dizeres se retroalimentassem através de vários difusores (piadas, ditos, jornal, rádio, televisão e redes sociais na Internet), pondo em sucessiva manutenção “os discursos totalitários de controle social por meio do capital” (SOARES, 2018b, p.120).

Tais discursos, como Veyne (2011, p. 50-51 apud SOARES, 2022, p. 211) afirma, “são as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e reagiram; elas se impõem tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos”. De outro modo, Raiam Santos, o internauta anônimo, Flávia Aparecida Moraes e tantos outros na continuidade do espaço/tempo que enunciaram dizeres sobre o Nordeste utilizaram essas lentes; filiaram-se nas redes ideológicas que fazem esses enunciadores perceberem, pensarem e reagirem como sujeitos de sucesso (SOARES, 2018b).

Além disso, tanto os dominantes (Sudeste) quanto os dominados (Nordeste) trabalham mutuamente na manutenção dessas projeções, porquanto não sendo mentiras inventadas ou “falsas percepções do que se pode chamar de realidade” (SOARES, 2022, p. 211), os discursos são, como Pêcheux (1997, p. 82) afirma, “efeito de sentidos entre os pontos A e B”. Estes efeitos são constituídos e materializados pela estrutura linguística e pelo acontecimento histórico; sustentados por um imensurável repositório de memórias dinâmicas que repousam e emergem constante e continuamente no movimento social e histórico.

Essa dinâmica discursiva permite que tais lentes promovam a difusão do prestígio de uma dada classe em detrimento do desprestígio e da desconstrução da imagem de outra; possibilita também o apagamento, como pudemos observar na afetação dos sentidos do sintagma “Nordeste”. Na referida lente ideológica, o “Nordeste não serve para nada”. E nessa resposta tácita, instaurada pela pergunta “Pra que serve o Nordeste?”, os jogos polissêmicos e outros efeitos na língua trabalham pelo silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007) dos valores culturais, artísticos e principalmente econômicos que essa região agrega.

Como pudemos constatar nas condições sócio-históricas atuais, o Nordeste serve como corredor de escoamento de insumos agrícolas para o exterior. A Embrapa, por exemplo, afirma que o MATOBIBA, região formada por áreas majoritariamente de cerrado nos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia: estabelece uma fronteira agrícola a qual “produz de tubérculos a frutas, passando pela pecuária, mas se destaca mesmo é no cultivo de grãos e fibras, especialmente soja, milho e algodão” (EMBRAPA, 2022, p. 1).

Por essa razão, a filiação, ou melhor, a utilização dessas lentes ideológicas pode nos “causar efeitos adversos” ou minimamente “colaterais”,

permitindo que enxerguemos o Nordeste como “um fardo que não serve para nada” e, ainda aceitando o inaceitável, a saber, a amplificação do ódio e o asco contra esse povo tão brasileiro e trabalhador quanto os demais.

Nessa mesma esteira, a filiação de Raiam Santos, de Flávia Aparecida Moraes e de tantos outros os colocaram numa posição aparentemente superior ao nordestino, não permitindo que estes enxergassem tantos benefícios e contribuições que o Nordeste já deu: força de trabalho de qualidade para construir o status industrial do Sul e do Sudeste, além de referências literárias icônicas, conhecidas mundialmente como Rachel de Queiroz (Ceará), João Cabral de Melo Neto (Pernambuco), Graciliano Ramos (Alagoas) etc., que a configuração desse escrito não permite citar.

Por essa consciência da força nordestina e da afetação dessa rede de dizeres sobre o Nordeste e pela relevância social dos estudos sobre o apagamento dos valores sociais, artísticos e culturais, fomentamos a continuidade de estudos que possam oferecer uma análise mais precisa de determinados acontecimentos discursivos, bem como o agenciamento de pesquisas sobre essa e outras redes de dizeres, que projetam o Nordeste como o lugar da falta, o fardo a ser carregado, que apresenta as regiões nordestinas pelo apagamento “daquilo que elas têm em abundância” (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 185).

Do mesmo modo, chamamos a atenção para o desenvolvimento de pesquisas sobre os efeitos de sucesso e seu entrelaçamento com outros efeitos, como os de silêncio constitutivo (ORLANDI, 2007), pois ao analisar tais processos nesse campo virtual, é possível melhor compreender entre o linguístico e o histórico, funcionamentos da produção do sucesso e de “apagamento como uma força discursiva que diligencia a divisão de classes por interpelação regional” (BOUCHER; SOARES, 2022, p. 185).

Além disso, esses funcionamentos promovem também o apagamento das características do povo nordestino através de projeções distorcidas pelas vias de publicações e reflexões das quais a coerência inexistente ou se existe, em algum momento, entre a produção dos dizeres sobre o Nordeste e a realidade que nos cerca, esta se perde ao passar pelo crivo escrutinador dos instrumentos da Análise do Discurso.

Diante disso, podemos afirmar que esse ferramental tem o papel de “esclarecer a sociedade sobre as relações de força no interior dos discursos” (SOARES, 2018b, p. 120). Esta teoria da interpretação nos convida ainda a apresentar por A mais B que os discursos de ódio precisam ser observados com o propósito de esclarecer a quem se filiam a essas Flms que, ao adentrarem nessas representações, acabam por fazer parte de uma rede de sentido muito mais ampla a qual retroalimenta a luta de classes e, em sua atualização mais sombria, posiciona o Nordeste e o sujeito nordestino como o lugar da falta e como o sujeito parasitário respectivamente.

## Referências

ACHARD, Pierre; Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux, Eni P. Orlandi. **Papel da memória**. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**: Notas sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Trad. Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro 6 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992.

BOUCHER, Damião Francisco; SOARES, Thiago Barbosa. Tocantinense em representação: discurso sobre o norte. **Diálogos Pertinentes**. v. 18 n. 1, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.unifran.br/index.php/dialogos-pertinentes/article/view/3780>. Acesso em: 26 out. 2022.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade**: um estudo enunciativo do sentido. Revisão técnica da tradução: Leci Borges Barbisan e Valdir do Nascimento Flores. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BRASIL. Tribunal Superior Eleitoral. **Resultados**. Disponível em: [https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/resultado-consolidado?p0\\_abrangencia=Regi%C3%A3o&clear=RP&session=33697474807656](https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/resultado-consolidado?p0_abrangencia=Regi%C3%A3o&clear=RP&session=33697474807656). Acesso em: 26 out. 2022.

CINTRA, Reinaldo Silva. **O discurso do ódio sob uma teoria performativa da linguagem**. Rio de Janeiro, 2012. 92 p. Monografia (Bacharelado em Direito) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – RJ, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. **A análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos, SP: EDUFSCar, 2014.

EMBRAPA. **Matobiba**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-matopiba>. Acesso em: 26 out. 2022.

HENRY, Paul. **Construções relativas e articulações discursivas**/ Paul Henry. Trad. João Wanderley Geraldo e Celene Margarida Cruz. Cad. Est. Ling., Campinas, SP (19): p. 43-64, jul./dez. 1990.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas, SP: Pontes da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux; Organizadores: François Gadet, Tony Hak; tradutores Bethania S. Mariani et al. 3ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

LEIA JÁ. **Escritor desdenha do Nordeste**: cruz que o Brasil carrega. Disponível em: <https://www.leiaja.com/cultura/2020/11/11/escritor-desdenha-do-nordeste-cruz-que-o-brasil-carrega/>. Acesso em: 25 out. 2022.

LIVE NEWS. **Advogada mineira dispara contra nordestinos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/h5X9uoWeNxQ>. Acesso em

25/10/2022.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Orlandi. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

SILVA, Júlio César Lázaro da. **História Econômica da Região Nordeste**: do século XX aos dias atuais; Brasil Escola. 2022 Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/brasil/historia-economica-regiao-nordeste-seculo-xx-aos-dias-atuais.htm>. Acesso em: 27 out. 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. Sucesso: discursos contemporâneos de capitalização dos sujeitos. In: SOARES, Thiago Barbosa (org.) **Múltiplas perspectivas em Análise do Discurso**: objetos variados – São Carlos – SP: Pedro & João Editores, 2018a.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018b.

SOARES, Thiago Barbosa. (2021). O contraste no discurso do sucesso: a diametralidade discursiva do enunciado “oposto”. **Porto Das Letras**. 2021 7(1), 98–115. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11300>. Acesso em: 27 out. 2022.

SOARES, Thiago Barbosa. **Percorso Discursivo**: heterogeneidades epistemológicas aplicadas. 1. ed. - Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

VEYNE, Paul. **Foucault**: o pensamento, a pessoa. Tradução Luís Lima. Gabinete Editorial Texto & Grafia. Editions Albin Michel, 2008.

YAHOO. **Nordestinos são atacados nas redes após resultado do primeiro turno**. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/nordestinos-sao-atacados-nas-redes-apos-resultado-primeiro-turno-132256014.html>. Acesso em: 27 out. 2022.